

O feminino, a agricultura familiar e o café na serra de Baturité, Ceará, Brasil

The feminine, family farming and coffee in the mountains of Baturité, Ceará, Brasil

Sofia Regina Paiva Ribeiro¹, Filipe Augusto Xavier Lima², Maria Iracema Bezerra Loiola³

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar o papel da mulher como ator social no processo produtivo do café na serra de Baturité, estado do Ceará, considerando os aspectos histórico-cultural, socioeconômico e ambiental, tendo como objetivos específicos verificar e discutir a presença feminina na cafeicultura local. A pesquisa é um estudo de caso e caracteriza-se por ser diagnóstica, descritiva e exploratória. Abrange estudo bibliográfico, revisão sistemática de literatura em trabalhos acadêmicos, constatações *in loco*, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os dados apontam que, apesar de a mulher/cafeicultora exercer múltiplas funções e vir contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental da serra de Baturité, ela encontra-se marginalizada ou em posição hierarquicamente inferior ao homem/cafeicultor, o que reforça as assimetrias de gênero presentes no espaço rural, social e na historiografia acadêmica.

Palavras-chave: Cafeicultura; Mulher; Sistema agrário.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of women as a social actor in the coffee production process in the Baturité mountain range, state of Ceará, considering the historical-cultural, socioeconomic and environmental aspects, with the specific objectives of verify and discussing the female presence in local coffee farming. The research is a case study, characterized by being diagnostic, descriptive and exploratory. It covers bibliographical study, systematic literature review in academic works, in loco findings, participant observation and semi-structured interviews. The data indicate that, despite the woman/coffee farmer performing multiple functions and contributing to the economic and environmental development of the Baturité mountain range, she is marginalized or in a hierarchically inferior position to the man/coffee farmer, which reinforces the asymmetries of genre present in rural, social and academic historiography.

Keywords: Agricultural system; Coffee growing; Women.

Autor correspondente: Sofia Regina Paiva Ribeiro
E-mail: sofiarpr@gmail.com

Recebido em: 2023-01-31
Aceito em: 2024-09-11

¹ Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza (CE), Brasil.

² Doutor em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente Adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC) e dos programas de Pós-graduação em Economia Rural (PPGER) e em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), Fortaleza (CE), Brasil.

³ Doutora em Biodiversidade pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Docente Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e Ecologia e Recursos Naturais (PPGERN), Fortaleza (CE), Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Em meio à savana estépica ou caatinga do estado do Ceará, encontra-se a serra de Baturité, um dos maiores maciços úmidos do semiárido brasileiro e uma das últimas reservas de Mata Atlântica do Nordeste (SEMA, 2017). Na serra de Baturité os setores situados a partir da curva de nível de 600 metros encontram-se inseridos na Área de Proteção Ambiental (APA) da serra de Baturité, a primeira e maior área natural destinada à proteção e conservação do território cearense, que completou três décadas (Pinheiro; Silva, 2017).

Esse privilegiado espaço geográfico é conhecido também pela sua relação duradoura, mas nem sempre harmoniosa, com a produção cafeeira, que completa dois séculos (1822-2022). Nessa perspectiva, a cafeicultura que foi inserida inicialmente em monocultivo, causando sérios impactos ambientais, tornou-se uma das poucas produções desse tipo no Brasil, em sistema agroflorestal, 100% arábico, biodiverso, com manejo sustentável e livre de agroquímicos (EMBRAPA, 2011; Ribeiro, Rufino, 2017).

O município de Baturité, foco da presente pesquisa, tem sua história de povoamento e desenvolvimento entrelaçada à dinâmica agrícola que contempla sertanejos e serranos, com destaque para a produção cafeeira (Ribeiro, Rufino, 2018). Segundo Silva Neto, Oliveira e Viana Filho (2017), a cultura cafeeira trouxe para a cidade de Baturité grandes benefícios econômicos e desenvolvimento cultural. Os autores enfatizam que no século XX, após o ciclo da cafeicultura na região, a cidade tem sua economia pautada no tripé: comércio, prestação de serviço (com destaque para o turismo) e agricultura familiar, com destaque para a produção do café de sombra.

No contexto nacional, a cafeicultura teve um relevante papel para o desenvolvimento socioeconômico. Durante o século XIX e início do século XX, o café tornou-se o principal produto de exportação do país (Queiroga, 2021). No entanto, em 1929, a desestabilização do mercado internacional ocasionou a queda na cotação da saca do café, período em que alguns cafeicultores passaram a investir no setor da indústria (Taunay, 2013). A economia cafeeira começa a se recuperar após a segunda guerra mundial (1939-1945) com a implantação de políticas voltadas para o agronegócio do café. Dentre as ações governamentais destacam-se: o Plano de Renovação dos Cafezais - PRC (1970); o Acordo Internacional do Café (1987); e o Conselho Deliberativo de Política Cafeeira - CDPC (1996).

Em adição, a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em 1995, teve um papel importante para a cafeicultura, pois cerca de 80% da produção do café provém da agricultura familiar. Convém destacar que na dinâmica social da agricultura familiar, a mão-de-obra feminina está presente em todas as etapas produtivas, uma multifuncionalidade que contempla ainda cuidar da casa, dos filhos e contribuir na renda da família (Cazella; Bonnal; Maluf, 2009). A participação das mulheres na cafeicultura ao longo da história tem sido fundamental, tanto na formação da lavoura, colheita, pós-colheita, quanto na pesquisa e gestão desse sistema agroindustrial do Brasil, maior produtor e segundo maior consumidor de café do mundo (Arzabe *et al.*, 2017). É verificando essa realidade que o presente estudo traz a seguinte questão: Qual é o legado histórico-cultural da mulher como ator social na cafeicultura na serra de Baturité?

Com base nessa questão, objetiva-se analisar o papel da mulher como ator social no processo produtivo do café na serra de Baturité, considerando os aspectos histórico-cultural, socioeconômico e ambiental. A originalidade da pesquisa envolve o fato de que, não somente se pretende discutir a produção cafeeira sombreada e/ou arborizada na serra de Baturité, mas, sobretudo, busca-se verificar a participação feminina na cafeicultura e a sua representatividade eco-socioeconômica, tanto no plano abstrato como concreto.

A presença feminina na cafeicultura da região serrana de Baturité está longe de ser uma novidade, pois a mulher está presente em diferentes aspectos dessa prática agrícola ao longo dos anos. Todavia,

apesar dessa realidade ser algo consolidado, ainda se percebe a necessidade de dar mais visibilidade e reconhecimento, tanto no contexto social como acadêmico, a essas “mulheres do café”.

Diante do exposto, a relevância do artigo está na possibilidade de evidenciar a temática “mulher na cafeicultura na serra de Baturité” na literatura, contribuindo assim, para o desenvolvimento de pesquisas da mesma natureza e de temas correlatos.

2 O CAFÉ COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO DO MUNICÍPIO DE BATURITÉ

A serra de Baturité, conhecida por abrigar o maior, o mais rico e exuberante remanescente de mata atlântica no estado do Ceará (Pinheiro; Silva, 2017), está inserida na região denominada de Maciço de Baturité, uma formação geológica localizada no sertão central cearense, que é composta por treze municípios divididos em três sub-regiões. A primeira é a serrana, que contempla Aratuba, Guaramiranga, Palmácia, Pacoti e Mulungu; a segunda é o vale/sertão, composto por Baturité, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Redenção e Acarape; e a terceira é a área de transição sertão/litoral e contempla Barreira e Ocara (CEARÁ, 2014).

A cidade de Baturité, pertencente à Mesorregião Norte do Ceará e Microrregião de Baturité, possui uma área estimada em 314.075 Km², que compreende 40% sertão e 60% serra (IBGE, 2021; Baturité, 2022). A denominação faz referência ao seu pioneirismo na produção cafeeira e aos elementos identitários da cafeicultura na região (patrimônios materiais e imateriais), construídos ao longo de dois séculos.

A cafeicultura chegou ao Brasil em 1727, ao Ceará em 1747 na serra da Meruoca, e na região serrana de Baturité em 1822. Na ocasião os cultivares foram inseridos em sistema de monocultivo (Taunay, 2013). O café adaptou-se e expandiu-se rapidamente na área montanhosa de Baturité, em substituição à cana-de-açúcar, em pequenas propriedades familiares. Porém, após quatro décadas de monocultivo, houve o envelhecimento dos cafezais, o desgaste do solo e a acentuada queda na produção, o que culminou com a necessidade do sombreamento dos cafeeiros. Conforme ressaltam Catão (1937) e Queiroga (2021), a mudança no paradigma produtivo impactou tanto no *modus operandis* da produção cafeeira, através da utilização racional dos recursos naturais, como no *modus vivendi*, a relação homem-natureza.

De acordo com o contexto histórico, no século XIX, o café da serra de Baturité atendia parte do comércio regional, nacional (Pará, Pernambuco e Maranhão) e até internacional, onde cerca de 2% do fruto era exportado para a Europa, especialmente França (Amorim; Assis, 2022). Entretanto, com o fim do ciclo do café no Brasil (1800-1930), motivado pela depressão de 1929, quando os Estados Unidos, maior comprador do grão, diminuiu o preço e a procura pelo produto, a cafeicultura deixou de ser a atividade principal nacional (Queiroga, 2021). Dessa forma, os cultivares de café passaram a perder áreas e/ou dividir espaço com a horticultura, a fruticultura e o cultivo de plantas floríferas e ornamentais (Ribeiro; Rufino, 2018).

Como descrito por Celso Furtado (2020), a economia cafeeira manteve-se em equilíbrio até a década de 1920, século XX. Contudo, a crise mundial e o declínio das exportações de café contribuíram para o colapso da economia brasileira, a médio e longo prazo. Para o autor, a crise de 1929 provocou recessão econômica no “mundo capitalista”, colocando às claras o problema das desigualdades regionais.

A produção de café na região serrana de Baturité, que passou por três estágios, a pleno sol (fase inicial), período de transição (sol e sombra) e sombreada (fase atual), ganha ênfase no cenário atual por contemplar as múltiplas dimensões do desenvolvimento (rural) sustentável: ecológica, econômica, sociocultural, política e ética (Caporal; Ramos, 2006). Na dimensão ecológica, ocorre a manutenção e/ou recuperação dos recursos naturais; no aspecto econômico, o café sombreado possui valor agregado, por ser um alimento natural, tradicional e feito em pequena escala; na questão sociocultural, contribui

para valorizar a “identidade” e o “saber fazer” dos cafeicultores serranos (Ribeiro; Rufino, 2018). Segundo as autoras, na dimensão política, destaca-se pelo processo democrático e participativo que contempla os diversos segmentos interligados à produção cafeeira. Quanto à ética, está vinculada à conservação da biodiversidade (fauna e flora) serrana e incentiva práticas sustentáveis de cultivo.

3 O PROTAGONISMO FEMININO NA PRODUÇÃO CAFEIEIRA: ASPECTOS GERAIS

A equidade de gênero no campo não é um tema novo. A presença da mulher nas lavouras cafeeiras sempre foi de grande relevância, inclusive, no setor tradicionalmente comandado por homens, a força feminina vem ganhando destaque nas comunidades rurais e nos números oficiais (IWCA BRASIL, 2020). As mulheres do campo, principalmente as de base familiar, desempenham um papel multifuncional, que vai além dos aspectos da produtividade agrícola, abrangendo as dimensões socioculturais, econômica e ambiental (Huylenbroeck *et al.*, 2007).

Para Brumer (2004), a atividade agrícola exercida pela mulher é vista como uma extensão intrínseca às atribuições de mãe e esposa, um paradigma cultural que tem raízes históricas na assimetria entre homens e mulheres. No entanto, essa realidade está mudando, com a participação das mulheres no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Essa política pública que incentiva a venda de produtos da agricultura familiar, em 2019, chegou a 80%, o que corresponde ao maior índice já registrado no país (CONAB, 2020).

No âmbito da cafeicultura, o protagonismo feminino vem ganhando destaque a partir de ações internacionais, nacionais e regionais. Dentre as várias ações, pode-se citar: a criação, em 2012, da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA) no Brasil, que conta com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), regional de São Paulo.

É importante mencionar que desde 2013 acontece no Brasil, nos meses de novembro, a “Semana Internacional do Café”, considerada uma das maiores feiras do mundo, onde a presença feminina na cafeicultura é destaque em mesas temáticas e palestras. Em 2020, o evento teve como eixos temáticos: A presença da mulher na agroindústria do café; Mulheres do café: a causa, a caminhada e o futuro; e A presença da mulher onde ela quiser estar: trajetórias profissionais (SIC, 2020). Já em 2021, os temas foram: Cupping da aliança das mulheres do café; Encontro das mulheres do café: 10 anos de IWCA no Brasil; e Regenerando relações: mulheres e a cafeicultura regenerativa (SIC, 2021).

Outro marco simbólico da presença feminina na cafeicultura ocorreu em 2017, quando o Censo Agropecuário trouxe, pela primeira vez, dados sobre gênero na produção do café (EMBRAPA, 2021). De acordo com os dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa):

Mais de 40 mil estabelecimentos agrícolas brasileiros com produção de café são dirigidos por mulheres. Esse número equivale a apenas 13,2% dos 304,5 mil existentes. Além das dirigentes, há também aquelas que estão na condição de cônjuge em codireção, sendo 32.400 mulheres em estabelecimentos com café arábica e 15.700 mulheres em estabelecimentos com café canephora. Dessa forma, pode-se afirmar que há um público feminino de 88.700 mulheres dirigindo e codirigindo estabelecimentos com café em todo o Brasil. (EMBRAPA, 2021, p. 1).

Já no Ceará, mais precisamente na região serrana de Baturité, onde o cafeeiro é um elemento integrador da paisagem de montanha, e um dos vetores de conservação ambiental e desenvolvimento sustentável, as ações voltadas para o turismo e o empreendedorismo rural (Queiroga, 2021) vêm impactando em novas e promissoras oportunidades para a região, sobretudo para as mulheres, que estão interligadas à produção cafeeira. No tocante às políticas públicas voltadas para o fortalecimento da participação da mulher na agricultura, pode-se elencar as seguintes iniciativas:

Programa Nacional de Organização Produtiva de Mulheres - POPMR (2008), que visa fortalecer as organizações produtivas de trabalhadoras rurais; Decreto 9.424 (2015), que assegura crédito para mulheres assentadas da reforma agrária; Portaria MAPA nº 2006 (2018), que implantou o Agro + Mulher, com foco na promoção de equidade e igualdade de oportunidades para mulheres e homens; e Portarias nº 3.175/2020 e nº 595/2021, que instituiu o Qualifica Mulher, que promove a autonomia econômica da mulher, a partir de ações de qualificação profissional, trabalho e empreendedorismo. (EMBRAPA, 2021, p. 2).

Em 2022, o empreendedorismo feminino encontra-se presente na implantação do primeiro Centro de Referência do Café de Sombra do Ceará (CRCSC), uma ação da Prefeitura de Baturité, Sebrae/Baturité, Associação Comunitária União Serrana do Uirapuru (ACSU) e da Associação dos produtores ecológicos do Maciço de Baturité (Eco Café). As referidas instituições contam com uma expressiva representatividade de mulheres que estão à frente da idealização do projeto, da manutenção, da produção e da comercialização do café para a comunidade e turistas.

4 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo se desenvolveu em quatro momentos, sendo: 1) estudos bibliográficos, revisão sistemática de literatura em trabalhos acadêmicos, a partir da temática “mulher na cafeicultura na serra de Baturité”; 2) através das palavras-chave “mulher”, “café” e “Baturité”, considerando as variações que permitissem a correspondência entre as palavras-chave e termos semelhantes; 3) constatações *in loco*, com observação participante; e 4) entrevista semiestruturada com fontes-chave de informações.

A investigação em material teórico, passo inicial na construção efetiva do processo investigativo, partiu do diálogo com Cavalcante (2005), Queiroga (2021), Bastos e Peulvast (2016), Muinhos (2016), dentre outros. Para a análise dos registros científicos, acerca da presença da “mulher na cafeicultura na serra de Baturité”, foram considerados artigos, dissertações e teses relacionados com a temática, produzidos no período de 2012-2022. Para tanto, foram utilizados o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); a biblioteca eletrônica de periódicos científicos da Scientific Electronic Library Online (SciELO); e o Google Acadêmico.

Partindo do princípio de que as produções científicas são veículos que ajudam a divulgar o conhecimento, de forma ampla e democrática, optou-se por fazer uma análise bibliométrica de dados da Capes/MEC (Versão: 1.1.16), do BDTD, do portal da SciELO e do Google Acadêmico, para construir um panorama das produções intelectuais, nacionais e internacionais. Para esse fim, consideraram-se as produções científicas publicadas e indexadas, nos últimos 22, a partir dos seguintes descritores e suas combinações (nas línguas portuguesa e inglesa): “mulher”, “café”, “Baturité”, “serra de Baturité”, “Maciço de Baturité”, considerando a serra de Baturité e os núcleos urbanos serranos do Maciço de Baturité (Mulungu, Pacoti, Aratuba, Palmácia e Guaramiranga).

Para o estudo empírico e análise em campo, por meio de observação participante e entrevista semiestruturada, considerou-se como recorte espacial o município de Baturité, tendo como áreas rurais serranas as comunidades de Olho d'Água e Uirapuru (com destaque para o sítio Carmelo, sítio Fênix e o Centro de Mudas Viveiro das Manas), as quais apresentam maior produção cafeeira na região (Baturité, 2022). Os referidos locais contemplam a rota do turismo regional, nas etapas de vivência da produção e resgate histórico-cultural da produção do café de sombra de Baturité.

Dessa forma, a pesquisa para desenvolvimento deste estudo foi submetida à Plataforma Brasil e posteriormente ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC), sendo o parecer consubstanciado do CEP aprovado por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

(CAAE) sob o número 58979522.7.0000.5054.

As visitas e interlocuções ocorreram durante os meses de janeiro a junho de 2022. As entrevistas seguiram o critério de saturação dos dados coletados, quando as informações começam a se repetir (Glaser; Strauss, 2006), o que culminou com uma amostra composta por 20 mulheres. A população do estudo compreendeu cafeicultoras, empreendedoras rurais, produtoras de mudas de cafés, pioneiras em ações voltadas à revitalização da produção do café de sombra e do empreendedorismo voltado para o eixo café-turismo, dentre outras. Para proteger a identidade das entrevistadas, utilizou-se a sequência de letras e números de A1 a A10.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A rede de relações que envolve a participação feminina em torno da cafeicultura de Baturité é ampla e abarca vários setores, com destaque para: processo produtivo, expansão, divulgação, comercialização e ações voltadas para a inserção do café como um instrumento de diversificação da oferta turística na região, como descrito no Quadro 1.

Quadro 1. Empreendedorismo e protagonismo feminino na cafeicultura na serra de Baturité

Empreendimento	Empreendedorismo feminino	Ação interligada a cafeicultura de Baturité
Sítio Fênix, zona rural serrana de Baturité	A1 - Empresa de Pequeno Porte - Sociedade Empresária Limitada.	Produção de café sombreado, agroflorestal, com selo de orgânico.
Sítio Monte Carmelo, zona rural serrana de Baturité	A2 - Microempreendedora individual.	Produção de café, banco de mudas de café, turismo de vivência e degustação da culinária serrana.
Centro de Mudas Viveiro das Manas, zona rural serrana de Baturité	A3 – Empreendedora e produtora de mudas de cafés.	Banco de mudas de café e turismo de vivência.
Padaria Santo Antônio, zona urbana de Baturité	A4 - Empreendedora, empresária e fundadora de uma das primeiras padarias do Maciço de Baturité (1958).	Comercializa o café de Baturité para a comunidade, turistas e visitantes.
Mercadinho varejista de produtos alimentícios	A5 - Comerciante que atende a comunidade local e turistas.	Exposição e venda frutas, verduras e cafés da serra de Baturité.
I Festa da Colheita da Agroecologia do Ceará, Fortaleza	A6 - Empreendedora, compra e revende o café de Baturité em feiras agroecológicas.	Possibilita a divulgação, a comercialização e a troca de saberes dos territórios produtores de alimentos saudáveis.
Feira Agroecológica dos Produtores de Baturité, zona urbana de Baturité	A7 - Empreendedora, sitiante, gastrônoma e mestra em Engenharia de Alimento.	Produção de alimentos artesanais (balas, doces e compotas) com produtos agroecológicos de Baturité, dentre eles o café.
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas (Sebrae), zona urbana de Baturité	A8 - Coordenadora, articuladora e gerente do Sebrae de Baturité	Desenvolve ações voltadas para o empreendedorismo rural e economia criativa, com foco na cafeicultura.
Autarquia do Meio Ambiente de Baturité - Amab, zona urbana de Baturité	A9 - Superintendente de engenharia civil, especializada em Gestão Ambiental.	Assegura o uso adequado dos recursos naturais, a conservação e a recuperação dos ecossistemas e o desenvolvimento sustentável.
Associação dos produtores ecológicos do Maciço de Baturité – Eco Café, zona rural serrana de Baturité	A10 – Presidenta da Eco Café, cafeicultora e microempreendedora.	Visa contribuir para a criação da Identidade Geográfica do café (IG do café), a revitalização do café e manter um padrão produtivo.

Os dados obtidos por meio da ferramenta de busca bibliográfica, pesquisa em campo e observação participante, permitiram fazer um recorte composto de 20 mulheres, fontes chaves, sendo dez descritas no quadro acima e dez empreendedoras e/ou pioneiras em ações voltadas para a revitalização da cultura cafeeira em Baturité, fato que vem repercutindo em impacto eco-socioeconômico e ambiental para a região.

No que tange à revitalização e expansão da produção cafeeira na região rural serrana de Baturité, a sitiante do Sítio Fênix, que produz os cafés Fênix e Santa Terezinha, destaca-se no cultivo de café com selo orgânico, que permite maior valor agregado. O selo indica que o produto é cultivado e processado seguindo normas e critérios estabelecidos internacionalmente e nacionalmente (EMBRAPA, 2019). A empreendedora do Monte Carmelo está revitalizando os cultivares de café centenários e fazendo o replantio a partir da implantação de um banco de mudas que atende à localidade e aos interessados em adquirir exemplares de café de sombra. Já o Centro de Mudas Viveiro das Manas, administrado por duas irmãs, criado em 2021, disponibilizou cerca de 12.000 mudas e está em fase de expansão para atender a demanda.

No aspecto relacionado à comercialização do café, *in natura* ou torrado e moído, as mulheres destacam-se na venda do café em pequenos comércios, na zona rural e urbana de Baturité, na residência dos produtores, muitas vezes pelas “donas de casas” que ocupam múltiplas funções, uma prática que é tradição na região e em feiras de produtos orgânicos e/ou agroecológicos. Uma nova proposta de venda para o café de Baturité, que surgiu em 2020, durante o isolamento social ocasionado pelo enfrentamento à Covid-19, foi a plataforma digital “Do chão Maciço”, uma rede de venda de produtos do Maciço de Baturité com manejo agroecológico, uma iniciativa do Sebrae/Baturité em parceria com os agricultores familiares do Maciço de Baturité.

Na referida plataforma, pode-se encontrar tanto marcas variadas de cafés de Baturité como doces que levam o café com um dos seus ingredientes. As iguarias, idealizadas e produzidas por uma gastrônoma e mestra em Engenharia de Alimentos, são realizadas com produtos da região, de forma artesanal. Convém evidenciar que o café de Baturité pode ser degustado e/ou adquirido, torrado e moído, em uma das panificadoras mais antigas da região, administrada por uma senhora que há décadas atende a população local e aos turistas.

No contexto da promoção do desenvolvimento econômico, o Sebrae/Baturité, por meio da sua articuladora/gerente, vem implementando há uma década (2012-2022) ações com o intuito de fortalecer o desenvolvimento sustentável a partir da produção cafeeira associada ao turismo, tendo foco o patrimônio histórico-cultural (material e imaterial), arqueológico e ambiental do município. Dentre as ações pode-se citar: a Rota do Café Verde (2015), Rota Verde do Café (2017), Projeto do Chão do Maciço (2020), a instalação do Primeiro Centro de Referência do Café de Sombra do Ceará (2022) e ações voltadas para a implantação do Centro Internacional de Café de Sombra, em andamento.

No âmbito da assessoria, controle e fiscalização ambiental, a Amab de Baturité realiza visitas nas áreas produtoras, cujo plantio se encontra consorciado com árvores de sombra (nativas ou exóticas), com o intuito de fortalecer os arranjos produtivos do café de forma sustentável, pois muitos cafeeiros encontram-se inseridos em áreas próximas a nascentes hídricas ou no entorno da Área de Proteção Ambiental (APA), o que demanda o acompanhamento do uso controlado do fogo e prevenção e monitoramento de poluição (no ar, no solo e na água).

As ações supracitadas têm em comum o protagonismo de mulheres que estão ajudando a revitalizar a cultura secular do café de sombra de Baturité, a partir do agroturismo e do movimento da “Terceira Onda do Café”. Para Guimarães, Castro Júnior e Andrade (2016), a “Terceira Onda do Café” valoriza a produção do café arábica (um produto de alta qualidade), a sua região de origem, os processos produtivos, as identidades culturais envolvidas e a comercialização com preços justos e maior valor agregado para o pequeno produtor familiar.

5.1 RELATOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS À SOMBRA DE CAFEZAIS CENTENÁRIOS

Historicamente, a condição social da mulher está ligada aos afazeres domésticos e, no meio rural, que não é diferente, ela ocupa a posição de ajudante do marido, o que contribui para torná-la invisibilizada como integrante do processo produtivo (Silva, 2018). Diante dessa realidade, para vislumbrar o autorreconhecimento das mulheres como protagonistas no processo de produção cafeeira e nos demais espaços que envolvem essa prática agrícola (comercialização e turismo), no município de Baturité, optou-se por realizar visitas *in loco* e entrevistas durante o período de janeiro a julho de 2022, com fontes-chave.

A sitiante/cafeicultora, nativa da região serrana de Baturité, neta e filha de agricultores (A1), que em 2021 começou a investir em um banco de mudas de café, ressaltou que: “[...] *comecei o banco de mudas com o apoio da minha irmã, a gente está expandindo aos poucos. Não é fácil, mas já somos uma referência na região.*” A entrevistada (A2), empreendedora rural, sitiante e cafeicultora, afirmou que: “*quando comecei a produzir mudas de café no final do ano passado (2021) foi difícil, tive ajuda técnica de um agrônomo do Sebrae, mas não tinha muito dinheiro para investir. Em pouco tempo já tive retorno financeiro e estou indo para eventos para divulgar nosso café*”.

No tocante à revitalização da produção cafeeira, a entrevistada (A3), empreendedora rural, cafeicultora e participante da Eco Café, narrou que: “*comecei a fazer mudas de café para ampliar a produção, o sítio estava meio abandonado, o café centenário era mantido por tradição familiar. Hoje, expandi a produção, tenho mudas para venda e ofereço visita guiada aos turistas que querem conhecer nosso café, nossa história*”.

A respeito do empreendedorismo orientado à sustentabilidade, a entrevistada (A4), articuladora do Sebrae em Baturité, fez o seguinte relato: “*desde 2015 estou à frente de ações voltadas para a valorização do café de sombra em Baturité e nas cidades serranas do Maciço de Baturité. As ações iniciaram-se com a criação da Rota do Café, que culminou com a implantação do Centro de Referência do Café de Sombra do Ceará, em Baturité*”. Alinhado ao mesmo pensamento, a entrevistada (A5), sitiante, cafeicultora, empreendedora e gastrônoma, destacou que: “*Represento a doçaria de Baturité em feiras e eventos voltados a produtos que seguem princípios agroecológicos. Desde 2019 faço doces artesanais, são receitas centenárias que levam o café como um dos ingredientes. Os doces e o café são tradições na minha família*”.

Quanto à presença feminina na lavoura cafeeira, a entrevistada (A6), nativa serrana e dona de um pequeno comércio de alimentos na serra de Baturité, comentou: “*cresci vendo minha família cuidando dos pés de café, os homens plantavam e as mulheres colhiam. O café diminuiu e está voltando, mas sempre houve café. Eu agora não trabalho na panha (colheita), mas já trabalhei muito. Hoje eu vendo café e conto nossa história para os visitantes*”. A seguir, o depoimento da entrevistada (A7), cafeicultora serrana aposentada, que trabalhou como meeira (agricultor(a) que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa e destina parte da produção para o dono da terra):

Sabe aqui a mulher não ficava só cuidando da casa não. A gente ia para a roça ajudar o marido. Eu torrava, pilava e vendia o café em casa. O dinheiro era meu para comprar as minhas coisas, coisas de casa. Meu marido vendia o café no grão, no saco, já tinha comprador certo. Quando o café perdeu o valor a gente passou a plantar mais foi banana, que tinha mais valor. Hoje o café é o que dar mais dinheiro na serra. Quem cuida da roça são meus filhos, tenho uma filha que estuda na cidade, mas ela ajuda a colher o café. Meu café é do mato, tem pé com mais de 100 anos, foi meu pai que plantou. [...] aqui já somos a terceira geração que produz o café.

Dentre as narrativas que abordam a temática voltada para o agroturismo do café e do empreendedorismo orientados à sustentabilidade, podem-se transcrever os seguintes relatos: entrevistada (A8): “*aqui não falta gente de fora, eles gostam de caminhar nas trilhas, conhecer os pés de café, tomar*

café sentado no tamborete (banquinho). Eles levam nosso café para longe, tiram fotos e levam até muda de pés de café. Hoje tudo está mudado, depois da Rota do Café melhorou muito”. Já a sitiante, cafeicultora e empreendedora mais nova a participar da entrevista (A9), disse o seguinte: “meu pai é comerciante, trabalha na cidade (zona urbana de Baturité) e planta café. Ele e meus tios fizeram um banco de mudas para plantar mais pés de café no sítio. Eu e minha mãe ajudamos a vender o café e a atender o povo que chega aqui. O povo vem de longe conhecer nosso café”.

Por sua vez, a pessoa mais idosa a participar da entrevista (A10), (com 68 anos), residente na zona urbana de Baturité e proprietária de um dos estabelecimentos comerciais mais antigos e tradicionais da região, fez a seguinte narrativa: “estou no comércio de alimentos há mais de 40 anos, tenho tradição. Parte dos meus clientes são turistas, Baturité é uma cidade turística. O povo chega perguntando a história da terra do café”.

As entrevistadas foram unânimes em afirmar que: “os tempos são outros, as mulheres estão à frente de várias ações, muito embora ainda estejamos escondidas atrás de um machismo estruturante na sociedade, temos ganhado visibilidade e quebramos amarras, buscando tornar as relações entre gênero, na cafeicultura serrana, mais equitativa”. Segundo Brumer e Paulilo (2004, p. 171), “[...] as agricultoras, ao mesmo tempo que têm grande participação na produção agrícola, principalmente na de alimentos, seu trabalho tem pouca visibilidade nas estatísticas oficiais e elas formam um dos grupos mais esquecidos pelas políticas públicas”.

A descrição dos conteúdos manifestados nas entrevistas revela que a atividade cafeeira em Baturité, em suas diversas vertentes (tanto do ponto de vista produtivo e socioeconômico como sustentável), tem à frente mulheres empoderadas que vêm fazendo a diferença no contexto socioeconômico local. Segundo a *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO, 2013), um dos objetivos do desenvolvimento sustentável é alcançar a equidade de gênero e garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades nas esferas políticas, econômicas e sociais.

5.2 O LEVANTAMENTO E A ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

A realização da análise bibliométrica acerca da presença feminina nas lavouras cafeeiras na serra de Baturité, em plataformas de dados científicos, levou em consideração um conjunto de dados, através da leitura de artigos e busca pela utilização das palavras-chaves, o que permitiu fazer uma visão panorâmica dos resultados (Quadro 2).

Quadro 2. Panorama dos resultados gerais (SciELO, Google Acadêmico, Capes e BDTD) acerca da descrição da temática mulher nas lavouras cafeeiras na serra de Baturité, 2000-2022

Base de dados	Especificação	Quant.	Descrição
SciELO	Nacional	0	Não foram encontrados documentos para sua pesquisa
	Internacional	0	Não foram encontrados documentos para sua pesquisa
Google Acadêmico	Nacional	2	Pesquisa avançada: temática descrita no texto do artigo
	Internacional	1	Pesquisa avançada: temática descrita no texto do artigo
Capes	Dissertação	4	Pesquisa avançada: temática descrita no texto da dissertação
	Tese	3	Pesquisa avançada: temática descrita no texto da tese
BDTD	Dissertação	0	A sua busca não corresponde a nenhum registro
	Tese	0	A sua busca não corresponde a nenhum registro

O portal eletrônico da SciELO revelou que não há, no período de 2000-2022, registro em artigos e/ou revistas, no contexto nacional e internacional, que contemplem o título “mulher na cafeicultura em Baturité”. No buscador do Google Acadêmico constatou-se que a temática em foco está presente no corpo textual, em relatos ou citações, mas não há registro de títulos com o tema. Quanto ao registro de publicação de teses e dissertações, em meio eletrônico, não há registro de títulos no BDTD e na Capes relacionados a estudos acerca da presença feminina nas lavouras cafeeiras na região serrana de Baturité. Na verdade, na Capes há sete produções acadêmicas em que a presença feminina é descrita de forma sucinta, em pequenos relatos no corpo do texto.

A busca na base de dados, realizada de forma ampla e diversificada, que utilizou termos com grafias semelhantes e com a adição de caracteres coringas, que sugere e/ou recupera variações da palavra buscada, permitiu constatar os trabalhos acadêmicos e científicos, nacionais e internacionais, os marcadores textuais acerca da presença da mulher na lavoura cafeeira em Baturité e/ou na serra de Baturité. Cabe lembrar a obrigatoriedade de que os programas de mestrado e doutorado passaram a divulgar na internet as dissertações e teses de final de curso defendidas a partir de março de 2006 (Brasil, 2006), o que deixou uma “lacuna informacional” dos anos anteriores.

O resultado da pesquisa (Quadro 3) evidenciou que não há artigos publicados com temas voltados para a presença da mulher na cafeicultura na serra de Baturité. Os registros ficam restritos a pequenos relatos que enfatizam a presença feminina na condição de apanhadeiras de café (Quadro 4). Por outro lado, a presença feminina nas lavouras cafeeiras no Brasil vem ganhando destaque em estudos realizados em várias regiões, como exemplo, pode-se citar os manuscritos: “Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça-Bahia” (Meira *et al.*, 2017); “Mulheres da cafeicultura no Campo das Vertentes - MG: potencialidades e desafios” (Zenith *et al.*, 2019); e os artigos que compõem o livro “Mulheres dos cafés no Brasil” (Arzabe *et al.*, 2017).

Quadro 3. Artigos levantados nas bases de dados do Google Acadêmico sobre a temática “a mulher na cafeicultura na serra de Baturité”, 2000-2022

Título do artigo	Autores - Periódico (vol, nº, pág, ano)	Considerações/Temática
Alianças estratégicas para garantir a sobrevivência dos produtores e dos recursos naturais: o caso do café sombreado na serra de Baturité	SAES, M. S. M.; SOUZA, M. C. M.; OTANI, M. N. IV Congresso Internacional de Economia e Gestão de Negócios Agroalimentares, Ribeirão Preto. v.1, p. 1-12, 2003.	A colheita era feita por apanhadeiras [...] (p. 3). Foram empregadas 60 mulheres da comunidade, o que foi importante para a geração de renda e integração entre elas (p. 9).
Strategic Alliances and Sustainable Coffee Production: The Shaded System of Baturite, State of Ceara, Brazil	SAES, M. S. M.; SOUZA, M. C. M.; OTANI, M. N. International Food and Agribusiness Management Association (IAMA). All rights reserved. v.6 Iss 2, 2003.	Sixty women from the community wereemployed, an important factor both for the women’s integration and for incomegeneration (p. 24).
A experiência de produção de café na serra de Baturité - Ceará: aprendizado empírico e os reveses causados pelas políticas cafeeiras do Brasil	AMORIM, M. A.; ASSIS, R. L. Boletim de Geografia, Maringá, v.39 e 61711, p. 459-476, 2022.	Em geral, os homens se ocupavam da manutenção dos cafezais, um trabalho que exigia mais força e resistência, enquanto as mulheres (“as apanhadeiras”) cuidavam da colheita, feita à mão (pág. 465).

Como apresentado no Quadro 3, os três artigos que retratam “a mulher na cafeicultura na serra de Baturité” contemplam realidades histórico-culturais distintas, que perfazem quase duas décadas (2003-2022). Contudo, as raízes estruturais de um sistema agrário voltado para as relações patriarcais de gênero ainda são refletidas na história do tempo presente, à medida que a mulher-cafeicultora-empREENDEDORA é invisibilizada e/ou colocada à margem na comunicação científica, ao ser descrita como “apanhadeira de café”.

As produções acadêmicas de Lima (2000), Souza (2006), Alcântara (2006), Cunha (2017), Ribeiro (2017) e Amorim (2019) têm em comum relatos da presença de mulheres na etapa de colheita do café. Já Braga (2022), faz referência ao protagonismo feminino ao citar uma cafeicultora/empreendedora que vem dando continuidade à tradição familiar no cultivo do café de sombra e está à frente da Eco Café, que tem ações voltadas para aquisição do selo de “Indicação Geográfica” para o café da região.

Quadro 4. Trabalhos de dissertações e teses levantados nas bases de dados do Google Acadêmico e da Capes sobre a presença da mulher na cafeicultura na serra de Baturité e/ou no maciço de Baturité, considerando maciço de Baturité como a área serrana

Título/Autor	Instituição/Curso/Ano	Considerações/Temática
À sombra das ingazeiras: o café na serra de Baturité - 1850-1900 LIMA, P. A. Q.	Dissertação - Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. 2000.	[...] nos cafezais havia homens e mulheres na colheita do café (p. 12).
Cafés sustentáveis e denominação de origem: a certificação de qualidade na diferenciação de cafés orgânicos, sombreados e solidários SOUZA, M. C. M.	Tese - Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade de São Paulo-USP, 2006.	[...] homens e mulheres, velhos e crianças, válidos e inválidos, trabalham na colheita do café [...] (p. 36).
Sol e sombra: o café do Maciço de Baturité numa perspectiva ecológica e socioeconômica ALCÂNTARA, S. M. P.	Dissertação - Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza, 2006.	As mulheres envolvidas na colheita são acompanhadas em parte do dia por seus filhos, que se juntam ao grupo antes ou depois do horário da escola (p. 98).
A Rota verde do café como estratégia de desenvolvimento integrado do turismo sustentável no Maciço de Baturité CUNHA, M. A. R.	Dissertação - Pós-Graduação em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará-UECE, Fortaleza 2017.	A colheita dos grãos era feita por mulheres “apanhadeiras” que usavam balaies [...] (p. 91).
A produção do café agroflorestal no Maciço de Baturité: uma abordagem histórico-social RIBEIRO, S. R. P.	Dissertação - Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, Redenção, 2017.	[...] a colheita do cafeeiro é realizada de forma manual e seletiva (grãos tipo cereja), por homens e mulheres [...] (p. 51).
A Paisagem como Instrumento de Valorização de Produtos de Montanha: A Experiência do Café Sombreado do Maciço de Baturité, Ceará AMORIM, M. A.	Tese - Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ, 2019.	Os preparativos para a colheita começam com homens e mulheres chegando cedo ao cafezal e em seguida amarrando cestos aos corpos, na altura da cintura, para neles depositar os grãos que dão conta de colher (p. 83).
Capital social e desenvolvimento local na perspectiva de redes sociais dos produtores de café sombreado no Maciço de Baturité, Ceará BRAGA, F. L. P.	Tese - Pós-Graduação em Economia Rural da Universidade Federal do Ceará-UFC, 2022.	Associação dos Cafeicultores Ecológicos (Eco Café) é presidida por uma mulher e filha de um dos tradicionais produtores da região do Maciço de Baturité (p. 88).

De forma complementar, para fundamentar a pesquisa, optou-se por ampliar o campo de pesquisa para toda a serra de Baturité a partir da ferramenta de busca do Google, considerando fontes diversas de produções intelectuais que abordassem a cafeicultura na serra de Baturité, no período de 2000-2022 (Figura 1). Após a catalogação dos dados, que contou com uma amostra composta por 60 itens, foi realizada a análise textual com o intuito de evidenciar descrições e/ou relatos acerca da participação/presença da “mulher na cafeicultura na serra de Baturité”, considerando as variações que permitissem a correspondência entre as palavras-chave e termos semelhantes (não necessariamente idênticos aos segmentados).

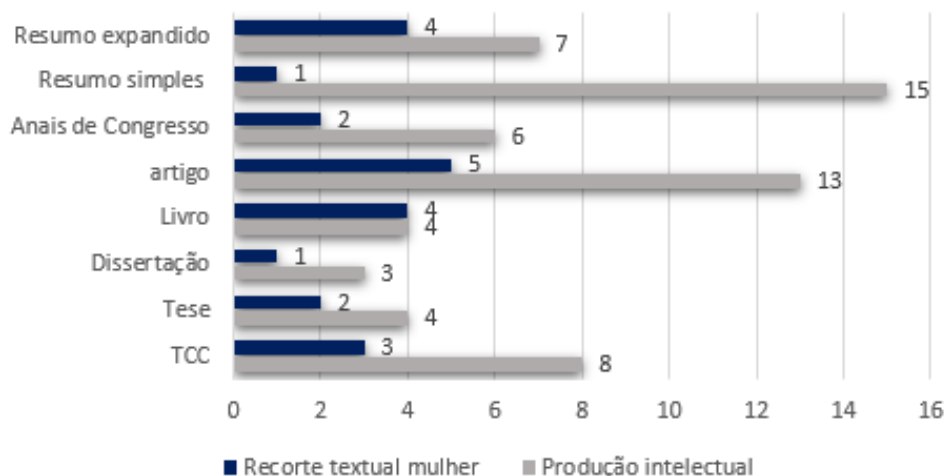


Figura 1. Produções intelectuais, com temas variados, que abrange, de forma direta e/ou indireta, a produção cafeeira na serra de Baturité, 2000/2022

A realização da pesquisa permitiu constatar que os estudos acerca da produção cafeeira na serra de Baturité contempla diferentes abordagens, dentre elas: turismo e empreendedorismo rural; apogeu, declínio e revitalização da cafeicultura; aspectos geográficos (solo, relevo e clima); recortes históricos da produção cafeeira; estudos físico-químico do grão de café; transição agroecológica; impacto socioeconômico e ambiental da produção do café de sombra; o café arábica agroecológico; mas, não há registro de estudos com foco direcionado a participação da mulher na cafeicultura na serra de Baturité.

No tocante às obras literárias de cunho mais extensos, há quatro livros que retratam as lavouras de café na serra de Baturité trazendo pequenos relatos acerca da participação e/ou contribuição das mulheres. Considera-se fundamental elencar, também, que o livro intitulado “Mulheres dos cafés no Brasil” (Arzabe *et al.*, 2017) não cita o trabalho feminino no Ceará, mas faz alusão à visita técnica da presidenta da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil) na serra de Baturité. Fato este que culminou com a implantação do café de sombra no município de Seabra, na Bahia (Arzabe *et al.*, 2017).

Outro ponto a ser destacado nas literaturas analisadas são as citações mais antigas acerca de temas relacionados ao “café da serra de Baturité”, que datam de 1928, 1937 e 1939, com os artigos “Ligeiras notas sobre o café no Estado do Ceará” (Studart, 1928); “Baturité: subsídios geográficos, histórico e estatístico” (Catão, 1937); e o livro “História do café no Brasil: no Brasil colonial 1727-1822” (Taunay, 1939).

Studart (1928), Catão (1937) e Taunay (1939) enfatizam que em 1825, a serra de Baturité teve seu povoamento intensificado a partir da emigração sertaneja da seca e pela inserção da cultura do café, que ganhou notoriedade por ser de ótima qualidade e ter sabor e aroma superiores aos dos cafés do sul.

As referidas obras reforçam o entendimento que a cultura cafeeira na serra de Baturité, desde o século XIX, vem ganhando destaque em vários estudos acadêmicos. Todavia, há uma lacuna informacional quando se trata de títulos voltados à temática “mulher na cafeicultura na serra de Baturité”, no período de 2000 aos dias atuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas no presente estudo, foi possível constatar que as “mulheres do café”, que muitas vezes ficam “escondidas à sombra dos pés de café”, na condição de apanhadeiras do fruto,

hoje são protagonistas em várias ações que envolvem as mais diversas áreas da rede cafeeira na serra de Baturité e na cidade homônima, que perpassa pela produção de mudas, lavoura cafeeira, comercialização e agroturismo. Contudo, apesar de estarem quebrando tabus em espaços considerados masculinos, o mapeamento da produção acadêmica revela que há pouca visibilidade, valorização e reconhecimento dessas mulheres/cafeicultoras e empreendedoras do agroturismo no âmbito da produção intelectual.

Os estudos teóricos que ajudaram a tecer a complexa teia que se entrelaça aos dados pesquisados *in loco* possibilitaram evidenciar o paradoxo existente entre “presença” e “invisibilidade” feminina no espaço agrário e social que envolve a produção cafeeira em Baturité e no seu entorno, na serra de Baturité. Os dados empíricos revelaram a historicidade, a dinâmica do espaço rural e a representatividade da mulher na cafeicultura na serra de Baturité, enquanto os estudos bibliográficos expuseram as assimetrias de gênero presentes na historiografia acadêmica acerca da temática.

O contato direto com os atores sociais e seus contextos culturais permitiu inferir que a história da cafeicultura em Baturité está sendo reescrita, tanto no plano abstrato como concreto. Outrora vistas como “apanhadeiras de café”, atualmente as mulheres estão ocupando espaço no empreendedorismo rural, no agroturismo, nas feiras agroecológicas, nas ações do Sebrae e da Eco Café, o que vem contribuindo para romper o viés histórico e conservador que permeia a prática assimétrica das relações entre homens e mulheres na produção cafeeira na serra de Baturité.

Os resultados obtidos na presente pesquisa visam contribuir nos aspectos histórico-cultural, socioeconômico, ambiental e acadêmico-científico. No âmbito histórico-cultural, traz um relato acerca da tradição cafeeira e o impacto do turismo associado à revitalização da produção do café de sombra. No socioeconômico, busca colaborar/contribuir para futuras ações, intervenções de entidades públicas e/ou privadas com foco no empreendedorismo rural. Na vertente ambiental, a pesquisa destaca o impacto dos serviços ecossistêmicos (associado à cafeicultura) para a conservação e preservação do meio ambiente. Quanto ao âmbito acadêmico-científico, fornece subsídios para futuras pesquisas acerca da tradição e/ou revitalização da cultura do café sombreado, levando em consideração o tripé: o feminino, a agricultura familiar e o café na serra de Baturité.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, S. M. P. **Sol e sombra: o café do Maciço de Baturité numa perspectiva ecológica e socioeconômica**. 2006, 158 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Fortaleza, 2006.

AMORIM, M. A; ASSIS, R. L. A experiência de produção de café na serra de Baturité - Ceará: aprendizado empírico e os reveses causados pelas políticas cafeeiras do Brasil. **Boletim de Geografia**, v. 39, e61711, 2022, p. 459-476. DOI: <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v39.a2021.e61711>.

AMORIM, M. A. **A paisagem como instrumento de valorização de produtos de montanha: a experiência do café sombreado do maciço de Baturité, Ceará**. Tese. 118 f. (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

ARZABE, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília, DF: Embrapa, 2017, p. 279.

BATURITÉ. Governo Municipal de Baturité. **O município**. 2022. Disponível em: <https://www.baturite.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRAGA, F. L. P. **Capital social e desenvolvimento local na perspectiva de redes sociais dos produtores de café sombreado no Maciço de Baturité, Ceará.** 2022. 143 f. Tese (Doutorado em Economia Rural) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Teses e dissertações poderão ser consultadas na internet.** Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/6033-sp-1646908527>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CAPORAL, F. R.; RAMOS, L. de F. **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia.** Brasília. 2006. p. 151-172.

CATÃO, P. Baturité: Subsídio geográfico, histórico e estatístico. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, CE, 1937.

CAZELLA, A. A.; BONNAL, P; MALUF, R. S. **Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p. 304.

CEARÁ. Governo do Estado. **Programa de desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDIT: Polo Baturité.** Fortaleza, CE: PRODETUR, 2014, p. 306.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Compêndio do PAA mostra aumento da ação de mulheres na agricultura familiar.** CONAB, 2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/3681-compendio-do-paa-mostra-aumento-da-acao-de-mulheres-na-agricultura-familiar>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CUNHA, M. A. R. **A Rota verde do café como estratégia de desenvolvimento integrado do turismo sustentável no Maciço de Baturité.** 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos). Programa de Pós-Graduação em Gestão de Negócios Turísticos, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Café agroflorestal é tema de simpósio no Maciço de Baturité (CE).** EMBRAPA, 2011. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18147712/cafe-agroflorestal-e-tema-de-simposio-no-macico-de-baturite>. Acesso em: 10 ago. 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Selos Distintivos de Qualidade e Origem.** EMBRAPA, 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/alimentos-e-territorios/areas-de-atuacao/selos-distintivos-de-qualidade-e-origem>. Acesso em: 22 ago. 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Pesquisa inédita mostra participação de mulheres na cafeicultura.** EMBRAPA, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/63465171/pesquisa-inedita-mostra-participacao-de-mulheres-na-cafeicultura>. Acesso em: 23 jun. 2022.

FURTADO, C. **A esperança militante (interpretações):** vol. 1. [Livro eletrônico]. MORAIS, C. S.; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (Organizadores) - Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 372.

GLASER; B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research.** Reprinted. New York: Aldine de Gruyter, 2006, p. 284.

GUIMARÃES, E. R; CASTRO JÚNIOR, L. G; ANDRADE, H. C. C. A terceira onda do café em Minas Gerais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Minas Gerais, v. 18, n. 3, 2016, p. 214-227. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/1108>. Acesso em: 28 jul. 2022.

HUYLENBROECK, G. V.; VANDERMEULEN, V.; METTEPENNINGEN, E.; VERSPECHT, A. Multifunctionality of Agriculture: A Review of Definitions, Evidence and Instruments. *Living Rev. Landscape Res.*, v. 1, n. 3, p. 1-43, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.12942/lrlr-2007-3>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agro 2017**. IBGE, 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/26281-mulheres-ganham-espaco-na-agropecuaria-mas-sao- apenas-19-dos-produtores.html>. Acesso em: 28 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Baturité. IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/baturite/panorama>. Acesso em: 20 ago. 2022.

IWCA BRASIL. Aliança Internacional das Mulheres do Café. **IWCA Brasil**: criando oportunidades. 2020. Disponível em: <http://iwcabrasil.com.br/iwca>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LIMA, P. A. **A Sombra das Ingazeiras**: o café na serra de Baturité (1850 -1900). 2000. 105 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MEIRA, A. L.; SANTOS, P. R. P.; VALDEMIRO, C. J.; OLIVEIRA, D. F.; OLIVEIRA, H. H.; SOUZA, Sandra. E. (org.). **Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça–Bahia**. Brasília, DF: Editoras Técnicas, Embrapa, 2017, p. 283.

PINHEIRO, J.; SILVA, F. E. S. Dinâmica natural e estratégias de conservação na serra de Baturité – Ceará. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 2, p. 56-75, Jul./Dez. 2017.

QUEIROGA, V. P. **Cultivo de café (Coffea arábica L.) orgânico sombreado para produção de alta qualidade**. 1 ed., Campina Grande: AREPB, p. 279, 2021.

RIBEIRO, S. R. P. **A produção do café agroflorestal no Maciço de Baturité: uma abordagem histórico-social**. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologia Sustentável) - Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, 2017.

RIBEIRO, S. R. P.; RUFINO, M. S. M. O café agroecológico produzido na região serrana de Baturité, Ceará. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*. v. 13, n. 4, p. 521-530, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18378/rvads.v13i4.5779>.

SAES, M. S. M.; SOUZA, M. C. M.; OTANI, M. N. Alianças estratégicas para garantir a sobrevivência dos produtores e dos recursos naturais: o caso do café sombreado na Serra da Baturité. In: IV Congresso Internacional de Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares, Ribeirão Preto. *Anais [...]* Ribeirão Preto, 2003, p. 1-12.

SAES, M. S. M.; SOUZA, M. C. M.; OTANI, M. N. **Strategic Alliances and Sustainable Coffee Production: The Shaded System of Baturite, State of Ceara, Brazil**. International Food and Agribusiness Management Association (IAMA), v.6, n. 2, 2003.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO CEARÁ. **Curso Unidade de Conservação**. Ambientagro Soluções Ambientais. Edição revisada e ampliada. Fortaleza: SEMA, 2017.

SEMANA INTERNACIONAL DO CAFÉ. A principal ação de promoção do café brasileiro para o Brasil e o mundo. SIC, 2020. Disponível em: <https://semanainternacionaldocafe.com.br/event/sic>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SEMANA INTERNACIONAL DO CAFÉ. **A principal ação de promoção do café brasileiro para o Brasil e o mundo**. SIC, 2021. Disponível em: <https://semanainternacionaldocafe.com.br/event/sic2021>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, M. R. **Gênero e desigualdade**: reflexões acerca do papel da mulher na atividade agrícola familiar. Desafios e democracia, desenvolvimento e bens comuns. *In*: VI Congresso Desenvolvimento Social, Montes Carlos – Minas Gerais. **Anais [...]** Montes Carlos, 2018, p. 15.

SILVA NETO, M. P.; OLIVEIRA, F. M. P.; VIANA FILHO, M. V. C. O desenvolvimento da economia baturiteense: do café aos dias atuais. **Revista de Administração da Faculdade do Maciço de Baturité**, v. 1, n.1, p. 1-14, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v25n3.p482-504>.

SOUZA, M. C. M. **Cafés sustentáveis e denominação de origem**: a certificação de qualidade na diferenciação de cafés orgânicos, sombreados e solidários. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2006.

TAUNAY, A. E. **A História do café no Brasil: no Brasil colonial 1727-1822**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. v. 2, n. 2, 1939, p. 402.

TAUNAY, A. E. **Pequena história do café no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília: Editora UNB, 2013, p. 644.

ZENITH, L. A.; BAKIZA, D. P.; ALVES, H. M. R.; PEIXOTO, R. B.; PEREIRA, S. P.; JUNQUEIRA JÚNIOR, J. A.; MARCIEIRA, J. C. Mulheres da cafeicultura no Campo das Vertentes - MG: potencialidades e desafios. **X Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil**. 2019. Disponível em: <http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/12665/135-2229-1-PB-X-SPCB-2019.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 ago. 2022.